



A CAMISINHA FEMININA SOB O OLHAR DO HOMEM
THE MALE PERCEPTION OF THE FEMALE CONDOM
EL CONDÓN FEMENINO DESDE LA PERSPECTIVA MASCULINA

Daniele Ferreira Acosta¹, Jaqueline do Espírito Santo Costa², Vera Lúcia de Oliveira Gomes³

RESUMO

Objetivo: conhecer a percepção dos homens acerca do preservativo feminino. **Método:** estudo exploratório-descritivo, qualitativo. Foram informantes estudantes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e formandos do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, e seus parceiros. Neste estudo analisaram-se os formulários com as respostas dos homens. Os dados foram produzidos entre outubro de 2012 e março de 2013, com formulário semiestruturado. Na análise foi empregada a Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética, Parecer nº36/2012. **Resultados:** os discursos mostraram impressões, opiniões, vantagens e desvantagens do preservativo feminino. Foi unânime a negação quanto ao uso do método de forma rotineira. **Conclusão:** diante da pequena familiaridade com o preservativo e das questões culturais que permeiam as práticas sexuais, sinaliza-se para a necessidade de problematizar as questões de gênero imbricadas na negociação, bem como de realizar maior divulgação sobre este método. **Descritores:** Preservativos Femininos; Sexo Seguro; Gênero; Enfermagem; Educação Em Saúde.

ABSTRACT

Objective: to assess men's perception of the female condom. **Method:** this is a descriptive, exploratory, qualitative study. The study respondents were students of the Nursing Postgraduate Program, graduates of the Undergraduate Nursing Course in the School of Nursing, Federal University of Rio Grande, and their partners. This study analyzed questionnaires completed by male respondents. The data were collected between October 2012 and March 2013, through a semi-structured questionnaire. The subjects' statements were analyzed using the theoretical framework of the Collective Subject Discourse. The study project was approved by the Ethics Research Committee, Opinion 36/2012. **Results:** the subjects' statements showed their impressions, opinions, as well as the supposed advantages and disadvantages of the female condom. All respondents denied wanting to routinely use the female condom. **Conclusion:** given the cultural issues involved in sexual practices and the fact that respondents had little familiarity with the female condom, there is a need to problematize gender issues intertwined in the negotiation of using condoms and to achieve wider dissemination of this method. **Descriptors:** Female Condoms; Safe Sex; Gender; Nursing; Health Education.

RESUMEN

Objetivo: conocer la percepción de los hombres sobre el condón femenino. **Método:** estudio descriptivo exploratorio cualitativo. Los encuestados fueron estudiantes del Programa de Posgrado en Enfermería y egresados de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Rio Grande, y sus parejas. En este estudio se analizaron los cuestionarios completados por los hombres. Los datos se produjeron entre octubre del 2012 y marzo del 2013, a través de un formulario semi-estructurado. Para realizar el análisis, se utilizó la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación (Opinión nº 36/2012). **Resultados:** los discursos revelaron impresiones, opiniones, ventajas y desventajas del condón femenino. Los encuestados fueron unánimes al decir que no utilizarían el método de forma rutinaria. **Conclusión:** debido a la poca familiaridad con el condón femenino y las cuestiones culturales que subyacen las prácticas sexuales, se señala la necesidad de problematizar las cuestiones de género que están implicadas en las negociaciones, así como de realizar más publicidad y promoción de este método. **Descritores:** Condones femeninos; Sexo seguro; Género; Enfermería; Educación en Salud.

¹Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/PPGENF/UFRS. Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: nieleacosta@gmail.com; ²Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/PPGENF/UFRS. Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: jaki_cost@hotmail.com; ³Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora Titular, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: vlogomes@terra.com.br

INTRODUÇÃO

No âmbito da saúde pública é reconhecida a relação entre a saúde do homem e o gênero. Com o advento do HIV/Aids, mudanças na configuração da doença foram se estabelecendo. Inicialmente acreditava-se que a doença era restrita aos homossexuais, porém, atualmente, verifica-se o constante aumento da transmissão heterossexual e a feminização da epidemia.¹⁻²

Dados epidemiológicos evidenciam que a doença, embora crescente entre as mulheres, ainda predomina na população masculina. No Brasil, a taxa de prevalência do HIV na população de 15 a 49 anos é de 0,42% entre as mulheres e de 0,52% entre os homens.³ Em Portugal, o cenário é semelhante, pois os homens são os que mais morrem por conta dessa doença. Além disso, em 2007 o número de casos associados à infecção por transmissão heterossexual representava o segundo grupo mais afetado, perdendo apenas para os usuários de drogas injetáveis.²

Estudos evidenciam que os homens pouco procuram os serviços de saúde. Os discursos masculinos revelam a visão estereotipada de que são fortes, dando a entender que não adoecem ou ainda, que é a mulher quem precisa de cuidados.⁴ Além disso, citam como motivos para a negligência com o autocuidado a vergonha pela exposição do corpo ao profissional, o medo da descoberta de alguma doença grave^{1,5-6} ou mesmo o justificam afirmando que “quem procura acha”.⁵

Pesquisas empíricas também discorrem acerca do desafio da responsabilidade compartilhada entre os casais quando se trata do planejamento familiar. Questões referentes ao horário de trabalho do parceiro são assinaladas pelas mulheres como dificuldades para a coparticipação nas consultas.⁷

Essas asserções, de certa forma, explicam o imbricamento do gênero ao processo de saúde-doença dos homens. Fruto de padrões histórico-culturais da sociedade, foram naturalizados como atributos do sexo masculino o poder, a força, a vida fora do âmbito doméstico e a dominação da mulher. Diante disso, essa “masculinidade” legitimada precisa ser expressada, convertendo-se em comportamentos e práticas que os tornam mais vulneráveis.

Destaca-se, portanto, que o gênero não se refere somente às diferenças entre os sexos; mas remete a ideias, a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações

sociais.⁸ Nesse sentido, pode-se dizer que “gênero” permeia o modo de viver e de adoecer dos homens. O comportamento sexual também lhes coloca em situação de risco. A literatura divulga maior número de relações casuais sem o uso de preservativo, troca frequente de parceiras, recurso do sexo pago^{2,9}, dados ausentes entre as mulheres.²

Nas práticas sexuais cabe ao sexo masculino a iniciativa e, inclusive, a decisão quanto ao uso ou desuso do preservativo. Pressupondo que esse método é, na prática, de domínio dos homens¹⁰, elas podem encontrar dificuldade para a negociação do uso. Nesse sentido, estudo que avalia a vulnerabilidade ao HIV constata, entre a população de 15 a 24 anos, diferença significativa em relação ao uso correto do preservativo masculino entre os homens.¹⁰ Além disso, ainda existem mulheres que sentem vergonha de carregar a camisinha masculina na bolsa¹⁰⁻¹¹, por medo de suscitar interpretações equivocadas, pela sociedade e pelo parceiro, de promiscuidade feminina.¹²

Nesse cenário, surge o preservativo feminino (PF) como recurso alternativo para a prevenção de HIV/Aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), bem como da gravidez. Seu formato de uma bolsa cilíndrica possui dois anéis flexíveis: um encaixa-se no colo uterino e o outro protege a vulva.¹³ A eficácia é a mesma da versão masculina, sendo que as falhas geralmente são atribuídas ao uso incorreto.¹³

Embora alguns usuários e usuárias caracterizem o PF como de difícil colocação e aparência feia¹¹, além de ter custo mais elevado, são nítidas as vantagens que ela apresenta: não necessita da ereção peniana para sua colocação, é confortável para ambos e não apresenta efeitos colaterais nem reação alérgica.¹³

Considerando a necessidade de se compreender as barreiras socioculturais e institucionais para propor medidas que venham contribuir com a prevenção de doenças e a promoção da saúde do homem; que o cuidado do homem reverte-se no cuidado da mulher e vice-versa; e ainda, a atribuição do enfermeiro em explorar o conhecimento do senso comum para, assim, adotar novas práticas de cuidado, este estudo tem como objetivo:

- Conhecer a percepção dos homens acerca do preservativo feminino.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa. Foram

informantes estudantes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, formandos do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, e seus parceiros.

Para a confecção do instrumento utilizado nessa pesquisa, foram realizados dois estudos pilotos. Em ambos foram informantes estudantes do quinto semestre do curso de graduação em Enfermagem, juntamente com seus parceiros. Depois de avaliar os resultados do primeiro estudo piloto, ajustes foram realizados, e o instrumento novamente testado mostrou-se adequado para a coleta de dados.

Com a obtenção de autorização da Coordenação dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem, efetuou-se, em sala de aula, o convite para participação na pesquisa. A concordância foi manifestada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo estudante. Os que concordaram em participar receberam um envelope contendo o TCLE para ser assinado por seu parceiro, dois preservativos femininos e dois formulários semiestruturados que deveriam ser respondidos individualmente, um feminino e um masculino.

Ao término do preenchimento dos instrumentos, os mesmos foram entregues à pesquisadora em envelopes lacrados. Para inviabilizar a identificação dos informantes os envelopes foram abertos somente após o término de toda a coleta de dados. Esta teve duração de cinco meses, com início em outubro de 2012 e término em março de 2013. Para este trabalho analisaram-se apenas os questionários respondidos pelos homens.

O Discurso do Sujeito Coletivo foi a técnica adotada para a análise e interpretação dos dados. Tal método assemelha-se à montagem de um quebra-cabeça, buscando reconstruir, por meio de pedaços de discursos individuais, os discursos-síntese necessários para expressar um determinado modo de pensar ou um imaginário específico acerca de um fenômeno.¹⁴ O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande, sob o parecer nº 36/2012.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dezesseis homens que participaram do estudo tinham entre 22 e 45 anos de idade e trabalho fixo remunerado em setores diferenciados. Todos referiram ter relação com parceira fixa, inclusive durante a realização deste estudo. Desses, nove já conheciam o preservativo feminino, porém

apenas um o havia utilizado. Falta de familiaridade com o preservativo feminino foi igualmente identificada em um estudo realizado em Fortaleza com 35 mulheres, das quais apenas uma havia utilizado o método antes da pesquisa¹⁵; e em estudo realizado com 303 universitários da Universidade Federal do Ceará, dos quais somente 0,5% dos participantes referiu uso do PF.¹⁶

Para apresentar a percepção dos homens acerca do PF, três categorias foram construídas: Impressões e opiniões acerca do preservativo feminino; Apreendendo as desvantagens e as vantagens do PF; Uso do preservativo de forma (não) rotineira.

Impressões e opiniões acerca do preservativo feminino

IC: O preservativo feminino é um método seguro, porém pouco atrativo.

Eu tive uma boa impressão, parece ser um método contraceptivo eficiente, seguro e viável, que protege contra doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, acredito que proporciona maior autonomia para a mulher e penso que seja mais confortável para o homem comparando com o preservativo masculino. Por outro lado, esteticamente é algo que não chama a atenção para o uso, pois deve ser difícil para a mulher colocar. Tenho a impressão que pode sair durante a relação e que atrapalha a penetração.

Percebe-se que, inicialmente, a impressão acerca do método é positiva. Há o reconhecimento de que confere proteção ao casal. Porém, quando se trata das características visuais, o discurso revela opiniões desfavoráveis. A estranheza a esse insumo também foi evidenciada por homens que participaram de outro estudo. Neste, associada à opinião desfavorável em relação à estética, também revelou-se a cultura machista da não utilização de preservativos na relação.¹⁷

Tais percepções, evidenciadas no discurso, podem ser fruto do desconhecimento do PF, considerando a dificuldade de acesso ao método. Somente a partir de 2012 o Ministério da Saúde assegurou a distribuição gratuita do PF. No entanto, com prioridade às mulheres com AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis, usuárias de drogas, mulheres em situação de violência doméstica e sexual e profissionais do sexo.¹⁴

A popularidade do PF, associada à compreensão de que este método confere autonomia à mulher, pode incidir na mudança das práticas sexuais, com consequente redução da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis por via heterossexual. Para tanto, é preciso que as

mulheres adotem o PF nas relações e o utilizem como recurso para se protegerem de ISTs e da gravidez indesejada, superando a submissão frente à camisinha masculina, reconhecida como sendo de escolha e controle do homem.

IC: O PF é desconfortável, diminui a sensibilidade, mas o anel interno proporciona prazer.

Achei bastante desconfortável. Além de diminuir a sensibilidade, creio que devido à pouca lubrificação interna. Minha parceira teve dificuldade para colocar devido à pouca prática com o método, o que acabou interferindo na fluência da relação. Mas também vejo o lado positivo, pois mantive um ato sexual seguro e o anel interno proporcionou prazer em alguns momentos da relação.

Sete homens participaram da colocação do PF e relaram que as principais dificuldades foram durante a inserção, pois o excesso de lubrificação na parte externa dificultava o manuseio do método, assim como destacado por mulheres em outro estudo¹¹. Nele também referiram dificuldades para ajustar o anel interno no canal vaginal.¹¹

Devido à necessidade de inserção do PF no canal vaginal, subentende-se que o conhecimento da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutivo seja um dos fatores que podem facilitar o uso do método. No entanto, destaca-se que as parceiras dos sujeitos deste estudo são enfermeiras, podendo-se inferir que as dificuldades encontradas estejam atreladas à falta de familiaridade com o PF, o que foi afirmado no próprio discurso masculino.

Neste estudo os homens destacam a diminuição da sensibilidade, o que vai de encontro aos achados de outra pesquisa que buscou conhecer as percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina e compreender os fatores que propiciam e dificultam o seu uso. Nela, revelaram maior sensibilidade e diminuição do atrito, facilitando a penetração.¹¹

Por outro lado, aspectos positivos também foram relatados. O discurso mostra que o contato do pênis com o anel interno do PF proporciona prazer durante o ato sexual. Dados como esses podem ser problematizados entre profissionais de saúde e clientes para incentivar o uso, descortinar as más apreensões ou mesmo a recusa de tal método, como evidenciado em outra pesquisa.¹⁸

Neste íterim, subentende-se que o uso rotineiro do preservativo pode desencadear uma relação mais prazerosa, diante da perda do medo do desconhecido ou mesmo da

preocupação com o desempenho sexual. Oito participantes acreditam que suas parceiras concordariam com o uso rotineiro justificando serem da área da saúde e conscientes acerca da prevenção de doenças e da gravidez.

• Apreendendo as desvantagens e as vantagens do preservativo feminino

Seis homens relataram não ver nenhuma vantagem ou benefício no uso do PF, sem justificar sua opinião. Com relação aos principais contratempos identificados durante o uso, salientaram dificuldades para a penetração, insegurança durante o ato sexual e também a aparência do insumo.

IC: (Re) Pensando sobre o uso encontrei mais desvantagens.

Acho que tem mais desvantagens do que vantagens durante a relação. Tive dificuldades na penetração, pois tem pouca lubrificação na parte interna do preservativo. Tinha que segurar o anel externo; eu tive receio que ele interiorizasse no canal vaginal. A possibilidade de deslocar durante o ato sexual me causou insegurança, sendo que algumas vezes me preocupei em verificar se o PF estava no lugar. A aparência do preservativo é estranha, nada atrativa, e o preço é mais elevado se comparado com a versão masculina.

Quanto à lubrificação do preservativo feminino, os homens argumentam que seu interior é pouco lubrificado, fator que acarreta dificuldades durante a penetração. A aparência também é citada como um entrave para o uso, levando em consideração que a genitália feminina, recoberta pelo anel externo, é vista com estranhamento e como pouco atrativa ao ato sexual.⁷

A insegurança em relação ao deslocamento pode ser associada à falta de habilidade na colocação do insumo. Considera-se que a segurança no manuseio aumenta com a prática, tal como evidenciado em um estudo cuja proporção de mulheres que relataram não se sentirem confiantes em inserir o PF diminuiu, após um mês de uso, de 5% para 0%, e a taxa daquelas que referiram que o PF sempre permaneceu no local durante o ato sexual foi de 86%.¹⁹

IC: O preservativo feminino também tem vantagens.

Achei mais prático por que eu não preciso colocar, pois se trata de um método de controle da mulher, o que lhe confere mais autonomia. Acredito que me proporciona maior prazer, pois a camisinha masculina parece ficar apertada, causando desconforto.

Dentre as vantagens citadas pelos homens, encontra-se o fato de não possuir a

incumbência de colocar o método, o que o torna mais prático em comparação com o preservativo masculino. Embora seja reconhecida a autonomia da mulher, essa ideia parte do princípio de que o cuidado na prevenção de gravidez indesejada e de IST's não é responsabilidade masculina, ficando subentendida esta atribuição ao sexo feminino.

Além disso, os homens justificam que, para eles fazerem o uso de preservativo masculino, sua sexualidade fica “desenfreada”, pois necessitam interromper a continuidade da relação para colocarem o insumo.¹⁹ Neste sentido, o PF é uma alternativa, visto que pode ser colocado pela mulher antes do início do ato sexual, evitando interrupções indesejadas.

Uma questão evidente é a comparação com o preservativo masculino, amplamente conhecido e divulgado. Naquele discurso observa-se a associação do condom masculino às palavras “apertado” e “desconforto”. Tal concepção pode atrair o uso do PF pelos homens. Por outro lado, há ligação com antigos argumentos utilizados para a negação do sexo protegido.²⁰

♦ Uso do preservativo de forma (não) rotineira

Quando perguntados sobre a adoção rotineira, todos responderam que não utilizariam o PF de forma habitual, justificando as desvantagens do insumo.

♦ IC: Não concordo com o uso rotineiro.

Eu não utilizaria a camisinha feminina de forma rotineira, porque, além de desconfortável, não vejo vantagens comparando com o uso da camisinha masculina. Ela dificulta o ato sexual, por ser pouco lubrificada e pouco prática, além do custo elevado para ser usada com frequência; talvez esporadicamente para apimentar a relação. Outra questão é que não uso preservativo, pois eu e minha parceira só mantemos relações um com o outro.

As questões de gênero estão fortemente associadas à vida sexual. A ideia de dominação sexual masculina interfere na escolha do condom feminino como opção de método contraceptivo.^{7,21} Percebe-se, nesse sentido, que não basta uma mudança de consciência e comportamento entre os homens, é também necessária a problematização de coerções sociais, culturais, religiosas e políticas entre as mulheres.

Novamente nos discursos emerge a comparação com o preservativo masculino, método mais popular de uso entre os homens.

Salientam-se entraves relacionados ao custo do insumo e à sua distribuição. Estudo realizado em Maceió divulga que, enquanto no primeiro quadrimestre de 2013 foram distribuídos 1.542.884 preservativos masculinos, apenas 69.980 PF foram dispensados à população do município.²² Globalmente, a distribuição do PF tem sido baixa, representando em 2010 apenas 0,7% do total de preservativos em países que realizam a distribuição desses insumos.²³

O tempo de relacionamento conjugal parece condicionar os comportamentos relacionados à prática sexual. Há o reconhecimento da analogia entre o cuidado da própria saúde, a prevenção de doenças e o uso do preservativo²⁴, mas quando se trata das relações íntimas afetivas, este e outros estudos empíricos mostram que a confiança e a monogamia se estabelecem como forma de prevenção entre o casal.^{7,25} O conceito de fidelidade e confiança repele a necessidade de proteção e, assim, há evidência de vulnerabilidade.

Barreiras em diversos níveis têm impedido a adoção do PF enquanto método de uso rotineiro: custo, disponibilidade, questões de gênero e escassa promoção do uso em relação a outros métodos.²⁶ Assim, a divulgação deste insumo pelos serviços de saúde e por campanhas publicitárias surge como possibilidade para minimizar as más impressões, estimular o interesse e mesmo a adoção habitual do método.

CONCLUSÃO

A relevância do estudo justifica-se uma vez que, através do discurso dos homens, é possível elaborar ações de educação em saúde, tanto a fim de desmistificar aspectos em relação ao PF, quanto para incentivar o uso entre homens e mulheres.

Mesmo reconhecendo os benefícios do preservativo enquanto método de dupla proteção, bem como facilitador da autonomia feminina, foi unânime a negação do seu uso enquanto método rotineiro de proteção. Opiniões negativas centraram-se nas desvantagens em relação à camisinha masculina, no preço e na aparência feia.

Embora as parceiras tenham conhecimento dos aspectos anatômicos e fisiológicos do aparelho reprodutivo, os discursos mostraram a dificuldade de utilização do PF e o receio de interiorização durante o ato sexual. Acredita-se que, com o uso frequente, seja possível desenvolver maior habilidade no manuseio do insumo e conseguir segurança durante o ato sexual.

A familiaridade com o método pode acentuar as sensações positivas evidenciadas, minimizar as dificuldades enfrentadas e as preocupações com a colocação da camisinha, que são comuns nas primeiras experiências com o insumo. Cabe aos enfermeiros, enquanto educadores em saúde, ampliar discussões sobre a temática, enfocando questões biológicas e sociais do uso.

As questões culturais justificam o não uso do PF, bem como repercutem na saúde sexual e reprodutiva, considerando que a presumida monogamia é vista como um meio de prevenção entre os casais. Desta forma, problematizações acerca das questões de gênero mostram-se importantes não só no cenário da saúde, mas também na área da educação, do direito, enfim, na sociedade como um todo, pois a sensibilização acerca das práticas sexuais seguras aos homens repercute na saúde das mulheres e vice-versa.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial à Semina Indústria e Comércio LTDA pelo patrocínio do projeto.

REFERÊNCIAS

1. Toneli MJF, Souza MGC, Müller RCF. Masculinidades e práticas de saúde: retratos da experiência de pesquisa em Florianópolis/SC. *Physis* (Rio J) [Internet]. 2010 [cited 2014 Apr 25];20(3):973-94. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000300015
2. Aboim S. Risco e prevenção do HIV/Aids: uma perspectiva biográfica sobre os comportamentos sexuais em Portugal. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2012 [cited 2014 Apr 3];17(1):99-112. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000100013&script=sci_arttext
3. Organização das Nações Unidas [Internet]. A ONU e a resposta à aids no Brasil; 2012 [cited 2014 Apr 3]. Available from: <http://www.unaids.org.br/documentos/A%20ONU%20e%20a%20resposta%20-%20PORTUGU%C3%8AS.pdf>
4. Couto MT, Pinheiro TF, Valença O, Machin R, Silva GSN, Gomes R, et al. O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in)visibilidade a partir da perspectiva de gênero. *Interface comun saúde educ* [Internet]. 2010 [cited 2014 Apr 10];14(33):257-70. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000200003&script=sci_arttext
5. Vieira KLD, Gomes VLO, Borba MR, Costa CFS. Atendimento da população masculina em unidade básica de saúde da família: motivos para a (não) procura. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 Apr 15];17(1):120-7. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452013000100017&script=sci_arttext
6. Figueiredo WS, Schraiber LB. Concepções de gênero de homens usuários e profissionais de saúde de serviços de atenção primária e os possíveis impactos na saúde da população masculina, São Paulo, Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2011 [cited 2014 apr 15];16(Supl.1):935-44. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000700025&script=sci_abstract&tlng=pt
7. Rodrigues LSA, Rocha RO, Silva MS. Planejamento familiar: percepções de mulheres heterossexuais sobre o papel do casal. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2014 Feb [cited 2014 Apr 8];8(2):323-9. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/3379/8463>
8. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 1995; 20(2):1-55.
9. Pascom ARP, Szwarcwald CL. Sex inequalities in HIV-related practices in the Brazilian population aged 15 to 64 years old, 2008. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2011 [cited 2014 Apr 17];27 (Supl 1): 27-35. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001300004
10. Anjos RHD, Silva JAS, do Val LF, Rincon LA, Nichiata LYI. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2012 [cited 2014 Apr 17]; 46(4): 829-37. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342012000400007&script=sci_arttext
11. Gomes VLO, Fonseca AD, Jundi MG, Severo TP. Percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2011 [cited 2014 May 1] 15(1):22-30. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452011000100004&script=sci_arttext
12. Silva CM, Vargens OMC. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2009 [cited 2014 May 1]; 43(2): 401-6. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342009000200020&script=sci_arttext
13. Poli MEH, Mello CR, Machado RB, Neto JSP, Spinola PG, Tomas G, et al. Manual de anticoncepção da FEBRASGO. *Femina* [Internet]. 2009 [cited 2014 May 10];37(09):459-92. Available from: http://www.febrasgo.org.br/arquivos/femina/Femina2009/setembro/Femina-v37n9_Editorial.pdf
14. Lefèvre F, Lefèvre AMC. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa

qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul (RS): Educ; 2005.

15. Fernandes RLV, Moura ERF, Feitoza AR, Evangelista DR, Oriá MOB. Conhecimento, atitude e prática relacionados ao preservativo feminino. Rev RENE [Internet]. 2012 [cited 2014 Apr 13]; 13(4): 755-65. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027983005>

16. Falcão Júnior JSP, Rabelo STO, Lopes EM, Freitas LV, Pinheiro AKB, Ximenes LB. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2007 [cited 2014 May 2];11(1):58-65. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452007000100008&script=sci_arttext

17. Albuquerque GA, Villela WV. Uso do preservativo feminino como método contraceptivo: experiências de mulheres em uma unidade básica de saúde no município de Juazeiro do Norte-CE. Rev APS [Internet]. 2011 [cited 2014 May 2];14(2):185-96. Available: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4dEgb783B-8J:aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/download/990/475+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>

18. Santana IQ, Santos YGC, Carvalho KEG, Araújo EC. Uso de preservativos por estudantes do sexo masculino de uma escola pública. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2011 Dec [cited 2014 May 2]; 5(spe): 2616-23. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2358/pdf_789

19. Lara DK, Grossman DE, Muñoz JE, Rosario SR, Gómez BJ, García SG. Acceptability and use of the female condom and diaphragm among sex workers in Dominican Republic: results from a prospective study. AIDS Educ Prev [Internet]. 2009 [cited 2014 May 10];21(6): 538-51. Available from: <http://guilfordjournals.com/doi/pdf/10.1521/aep.2009.21.6.538>

20. Rebello LEFS, Gomes R. Qual é a sua Atitude? Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a AIDS. Saúde Soc [Internet]. 2012 [cited 2014 May 10]; 21(4): 916-27. Available from: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/50703/54815>

21. Rosenthal L, Levy SR, Earnshaw VA. Social Dominance Orientation Relates to Believing Men Should Dominate Sexually, Sexual Self-Efficacy, and Taking Free Female Condoms Among Undergraduate Women and Men. [Sex Roles \[Internet\]](#). 2012 [cited 2014 May 11];67(11-12): 659-69. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3904735/>

22. Machado AST, Santos LO, Silveira LL, Cavalcante TCS, Moura MRW, França AMB. Adequação das práticas de distribuição de

insumos do planejamento familiar no município de Maceió-AL. Cadernos de Graduação. Ciências Biológicas e da Saúde [Internet]. 2013 [cited 2014 May 13];1(3):101-10. Available from: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbio/saude/article/view/1017/610>.

23. United Nations Population Fund [Internet]. Donor Support for Contraceptives and Condoms for Family Planning and STI/HIV Prevention; 2011 [cited 2014 Feb 13]. Available from: <https://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2011/FINAL%20Donor%20Support%202010-2.pdf>

24. Cunha MKM, Spyrides MHC, Sousa MBC. Os significados de saúde na relação sexual para mulheres assistidas pelo SUS na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2011 [cited 2014 May 3];27(6):1099-110. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000600007

25. Rodrigues LAS, Paiva MS, Oliveira JF, Nóbrega SM. Vulnerabilidade de mulheres em união heterossexual estável à infecção pelo HIV/Aids: estudo de representações sociais. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2012 [cited 2014 May 6];46(2):349-55. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200012&lng=en&nrm=iso

26. Gallo MF, Norris AH, Turner NA. Female condoms: new choices, old questions. Lancet Glob Health [Internet]. 2013 [cited 2014 May 20];1:119-20. Available from: [http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(13\)70070-6/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(13)70070-6/fulltext)

Submissão: 28/06/2014

Aceito: 23/10/2014

Publicado: 01/01/2015

Correspondência

Daniele Ferreira Acosta

Avenida Presidente Vargas 881 / Casa 3

Bairro Parque

CEP 962020-100 – Rio Grande (RS), Brasil